

As saudades de Pondal: Saudades galegas?

<https://doi.org/10.21814/uminho.ed.138.2>

Luís G. Soto

Resumo

A saudade é um tema cultural português, mas também galego e do universo lusófono. A sua importância e formulação filosófica datam, em Portugal, do início do século XX e na Galiza, uns cinquenta anos depois. Mas a saudade é um tema literário (e também filosófico) anterior, que remonta à Idade Média. Obviamente, depois truncado na Galiza, como todo o percurso da cultura letrada galega. Regista-se, novamente e com força, no Ressurgimento no século XIX: em Rosalía, Curros e Pondal. Centrarmos-nos em Pondal. Na sua poesia, a saudade é objeto de um tratamento extenso e intenso e de uma elaboração cuidadosa e detalhada. Pondal explora e incorpora a herança popular analfabeta, o seu conteúdo potencial na língua e cultura galegas. Como veremos, as suas formulações condizem com as habituais do pensamento português do século XX.

Palavras-chave

Saudade; ética; política; Galiza; Portugal.

A Renascença Galega e a saudade

Na segunda metade do século XIX, nasce a literatura galega contemporânea da mão de três autores: Rosalía de Castro, Manuel Curros Enríquez e Eduardo Pondal (Carballo 1981, pp. 129-398). Antes, desde começos do XIX, registam-se só pequenas manifestações, isoladas e/ou episódicas. O feito inicial seria a publicação, em 1863, do livro *Cantares gallegos*, de Rosalía. Porém, a confirmação desse renascimento da literatura em galego viria, na década de 1880, com três obras-primas: *Follas novas*, de Rosalía, em 1880; *Aires d'a miña terra*, de Curros, em 1880; e *Queixumes dos pinos*, de Pondal, em 1886.

Pelos vistos, Pondal foi o último. Mas, precisemos: foi o último em publicar um livro, porém foi o primeiro, deles três, em publicar um poema em galego (Pondal 1858). Exatamente, em 1858, antes de que aparecessem o livro e os primeiros poemas galegos de Rosalía. Dito seja de passagem, na sua mudança de língua para o galego, pois a nossa poeta começou escrevendo em castelhano, Pondal poderia ter influído, dada a amizade que ligou, desde a mocidade, durante toda a vida Rosalía e Pondal.

Ora bem, com essa indicação da data, 1858, não pretendemos vindicar, para Pondal, o papel de fundador, habitualmente outorgado a Rosalía. O que quereria é reflexionarmos acerca do que pode implicar escrever um poema numa língua na qual não há literatura (Castelao Mexuto 2020, pp. 22-30) e, sobretudo, tirarmos consequências do facto de que o tema, o conteúdo, desse poema seja a saudade.

Um poema inicial

Exceto na primeira edição, o poema leva por título “A campana d’Anllons” e, como o nome indica, é dedicado a um sino da aldeia ou a terra de Anlhons, donde é nativo Pondal. Na primeira edição (Pondal 1858), chamava-se “El canto de un brigante”, e este título aparece como subtítulo nas edições seguintes (Pondal 1862; 1866). “A campana d’Anllons” é um dos poemas mais populares de Pondal: depois de 1858, publicou-o várias vezes. Assim, na década de 1860, faz parte da coletânea *El álbum de la caridad* (Pondal 1862, pp. 139-140) e saiu solto em brochura com o título *A campana d’Anllons* (Pondal 1866). Também figura no seu livro *Queixumes dos pinos* (Pondal 1886, pp. 191-194). E ainda, anos depois, fez uma nova versão, muito mais longa, constituindo uma publicação independente: *A campana d’Anllons* (Pondal 1895).

Na sua primeira edição, em 1858, este poema, inicial na galega, convoca várias literaturas: a francesa, a portuguesa, a espanhola. Todas elas fornecem modelos, referências, para estes versos galegos (Castelao Mexuto 2020, pp. 22-25). Por outras palavras, Pondal não passa diretamente da língua galega à literatura galega, não converte umas palavras em versos, senão por intermédio doutras literaturas. Estas proporcionam temática e formas consideradas, nesses respetivos contextos, canonicamente literárias. E há ainda outra fonte, essencial, que se torna visível nas edições da década de 1860: a literatura popular, de transmissão oral, galega (Castelao Mexuto

2020, p. 24). Em 1862, desaparece o texto em exergo de Chateaubriand, que em 1858 figura traduzido em espanhol, e aparece, no seu lugar, um cantar popular galego (Pondal 1862, p. 139). Em 1866, reaparece, reduzido, o texto de Chateaubriand, a seguir do cantar popular galego (Pondal 1866, p. 5). Vejamos, sumariamente, o papel destas quatro literaturas.

Um poema, quatro literaturas

Em primeiro lugar, a literatura universal, ou seja, uma peça da francesa romântica traduzida em espanhol, representada por um texto de Chateaubriand, posto em exergo (Pondal 1858; 1995, pp. 310-311). Nele aparecem duas ideias que se verão refletidas no poema. A primeira, os sinos, como os martelos, como instrumento de comunicação, capazes de fazer repercutir o seu som, umas badaladas ou uma pancada, em numerosos ouvintes. E a segunda (e única na versão de 1866), o significado do som dos sinos: uma lembrança, ainda que confusa, do céu, sustém Chateaubriand.

No poema, aparecerão desenvolvidas essas duas ideias. Por uma parte, o sino de Anlhons, como todos os sinos, é capaz de suscitar, com as suas badaladas, num momento um mesmo sentimento em milhares de corações e, ainda mais, é capaz de “encarregar-se dos pensamentos dos homens”, i.e., de transmiti-los com o concurso dos ventos. Mas, por outra parte, Pondal vai alterar o sentido escatológico, que Chateaubriand atribuía ao som dos sinos, dando-lhe às badaladas do sino de Anlhons um sentido teleológico, ético e político.

Em segundo lugar, a presença da literatura portuguesa é revelada por algumas grafias. O galego, nessa altura, não é uma língua escrita. E Pondal escreve algumas palavras à portuguesa. Pelo geral, segue o padrão do espanhol, mas nalguns termos a grafia portuguesa é indiscutível. Pondal não estudara português, mas desde bem cedo foi leitor e admirador de Camões, que constitui um dos seus modelos literários. Até ao ponto, de tentar escrever, seguindo o molde de *Os Lusíadas*, um poema épico, *Os Eoas*, sobre a descoberta do continente americano pelos espanhóis (Carvalho 1992, pp. 69-71). Além da influência gráfica, em “A campana d’Anllons”, pode haver também uma pegada temática, algo de Camões, visto o conteúdo do poema (Castelao Mexuto 2020, pp. 24-25, 26).

Eis, em terceiro lugar, a presença da literatura clássica espanhola. Com independência de assinalar possíveis antecedentes concretos, pela sua temática, cabe relacionar “A campana d’Anllons” com o chamado ciclo africano da literatura castelhana dos séculos áureos (Castelao Mexuto, 2020, p. 23). De facto, o poema de Pondal recolhe o canto de um moço galego que, cativo em Orão, lembra e anela a sua terra natal. Voltamos, agora do lado castelhano, mais ou menos à época de Camões.

Por último, a literatura popular galega. Nas edições da década de 1860, Pondal (1862, p. 139; 1866, p. 5) coloca em exergo um cantar popular: “Campanas de Bastabales, / cando vos oyo tocar, / mórrome de soledades”. Reaparece em 1895, com duas variações: “ouzo”, em vez de oyo, e “suidades”, em vez de soledades (Pondal 1895, p. 5).

Estes versos populares centram definitivamente o conteúdo do poema: as soledades, as suidades, em suma, a saudade. No entanto, no interior do poema não aparece nenhuma destas palavras.

“A campana” e a saudade

“A campana d’Anllons” (Pondal 1886, pp. 191-194) é, como dizíamos, o canto de um galego, natural, como o próprio Pondal, da comarca de Bergantinhos, que se acha cativo em Orão e que, primeiro, lembra com o som do sino a sua terra distante e, depois, encomenda, ao sino, que com as suas badaladas faça chegar a sua voz, as suas palavras, a todos quantos, família, amada, conterrâneos, deixou na sua terra natal, na sua pátria. O poema consta de 14 estrofes. Nas 12 primeiras e na última, fala o protagonista, o cativo. Na 13, fala o poeta, para dar conta do canto do preso. Todas as estrofes possuem 5 versos, exceto a última que tem 16. As 12 primeiras são uma saudação e a 14 é uma despedida. A saudação contém duas partes e momentos: a lembrança, a evocação da vida na aldeia e no terrão presidida pelo tocar do sino, e a esperança, a mensagem dirigida aos conterrâneos que, em dadas circunstâncias, a reunião em torno às fogueiras a noite de São João, poderia suscitar o badalar da campana. Na despedida, os três últimos versos contém, unicamente, a palavra adeus. Em suma, como pode apreciar-se, lembrança e esperança, os componentes nucleares da saudade na definição e conceção que, meio século depois, desenvolverá Teixeira de Pascoaes (1988, p. 47).

De forma implícita, mas indiscutível, a saudade protagoniza este primeiro poema de Pondal e da literatura galega contemporânea. É mais, o poema contém um esclarecimento, uma explanação, de em que consiste a saudade. É como uma revelação, um desvelamento, daquilo que no cantar popular significam as soledades ou suidades. O sentido incógnito, mas presumivelmente escatológico (como apontava a glosa de Chateaubriand), é explicado em termos ético-políticos. A escatologia é traduzida, e transmutada, em teleologia ética e política. Mais adiante, Pondal volverá a tratar a saudade, alargando o registo, mormente em clave ética, mas também política.

Os *Queixumes* e saudade

Em 1886, no seu livro *Queixumes dos pinos*, a presença da saudade é abundante, desde o ponto de vista quantitativo, e importante, desde uma perspetiva qualitativa (Soto 2019, pp. 107-166). Assim, de forma explícita, quando aparece a palavra ou o vocabulário próprio da saudade, e de forma implícita, quando sem figurarem as palavras aparece a temática, a saudade está presente em mais de 40 poemas de um total de 91. E vários desses poemas possuem especial relevo no conjunto do livro.

Ora bem, Pondal não emprega, nunca, o termo saudade, pois designa esta com o vocábulo suidades: nomeadamente, usa “suidades”, “suidoso” e “suidosa”, que são as expressões próprias do galego da sua zona natal (Soto 2019, p. 164). Estes vocábulos também existem, como arcaísmos, em português. E Pondal poderia tê-los conhecido,

e empregado, por Camões, que também os usa. Além disso, estes vocábulos, segundo Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1990, pp. 65-83), estariam na origem da palavra saudade, que se teria formado ao fundir-se “suidade” com “saúde”. Daí, viria o sentido positivo, de alegria, que teria a saudade, frente ao sentido negativo, de tristeza, que possuiria a mera soledade. Frente a esta, dor e lamento, a saudade incorpora, além desses conteúdos, o desejo e a esperança.

Ora bem, que acontece em Pondal, que fala em suidade e não em saudade? Pois não há variação significativa alguma. As suas suidades, como sucede com as de Camões, possuem também esses componentes da saudade: desejo e esperança. Portanto, cabe dizer que, antes de aparecer a palavra, já estão na expressão suidade os significados da saudade. Desmentem Pondal, e Camões, a hipótese de Carolina Michaëlis de Vasconcelos? Não, porque claro é, ela se refere à formação do vocábulo, não à aparição dos significados possíveis da saudade. Porém, no caso de Pondal, nem isso. Porque o nosso poeta usa, não a palavra saudade, mas sim os seus adjetivos: saudoso, saudosa. Talvez por influência de Camões. Emprega-os junto com suidoso e suidosa e como equivalentes. Ainda mais, e desta vez para confirmar ou apoiar a hipótese de Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Pondal (1886, p. 63) escreve, num verso, “saudosa” como equivalente a “saudável”.

Enfim, como deduzimos desta rápida passagem pelo seu vocabulário, a saudade de Pondal contém os elementos que, anos depois, salientará Carolina Michaëlis de Vasconcelos na saudade portuguesa: soledade e saúde. E, além disso, também possui outro componente apontado pela ilustre filóloga: a saudação. Como vimos ao fio do seu primeiro poema, “A campana d’Anllons”, e podemos confirmar no seu livro *Queixumes dos pinos*, a saudade em Pondal é uma relação comunicativa, constitui uma mensagem, está vinculada a uma saudação (Soto 2012, pp. 91-114; Soto 2015, pp. 95-112). Nos seus versos, a saudade é sentimento, sensação, emoção, experimentados por um sujeito, que os traduz, os veicula, numa mensagem, dirigida ao objeto da saudade, normalmente outro sujeito, um co-sujeito, e/ou a quem puder acolher o testemunho e transmitir essa mensagem.

Os *Queixumes* e as saudades

Tendo em conta o objeto possível e a relação com esse objeto, em *Queixumes dos pinos*, achamos, fundamentalmente, três saudades: da terra ou a pátria, do amor, da existência. São as mais importantes tanto do ponto de vista quantitativo como em termos qualitativos. São, pois, pelos seus objetos e a relação estabelecida com estes, saudades éticas e políticas. Ora, além destas três, cabe achar no poemário uma saudade sem objeto, metafísica como diria Piñeiro (1984, pp. 17-44; Torres Queiruga 2003, pp. 137-145)? Na nossa opinião, não. E, ainda, a partir dessas três saudades, extraindo ou abstraindo o seu objeto, cabe atingir uma saudade sem objeto? Na nossa opinião, também não. Porém, em nosso entender, é possível falar em saudade ontológica, sendo, no entanto, essa ontologia escassamente metafísica e, sobretudo, ética e política. Aprofundemos um pouco nisto.

Em termos gerais (Braz Teixeira & Botelho 1986), a saudade consiste numa presença da ausência, nomeadamente na lembrança e desejo do ausente, ora a terra ou pátria, ora o amor, ora a existência. Assim, sentem saudade as pessoas migrantes pela terra ou pátria, a/o amante pela pessoa amada ou, mesmo, pelo amor, e um próprio por si próprio, por exemplo, pelo seu passado, pela vivência anterior clausurada, ou pelo seu futuro, pela hipotética experiência ulterior. Ora, tal como aparecem em *Queixumes dos pinos*, estas três saudades vão além dum desejo da presença, do encontro, a relação, que viria colmatar a carência produzida pela ausência. Vão além, porque essa presença, almejada e consumada, é em si própria defeituosa: há, para o sujeito que experimenta a saudade, uma deficiência no objeto e/ou na relação.

Tomemos, por exemplo, a saudade da terra ou da pátria (Soto 2019, pp. 109-132, 153-164). Em primeiro lugar, essa diferença terra ou pátria radica na sua configuração: em termos sociais, a terra; em termos sociais e políticos, a pátria. Contudo, a diferença é, no geral, irrelevante, porque da uma ou da outra maneira é denominado um sujeito coletivo, com traços sociais e políticos semelhantes, embora sejam ressaltados os uns ou os outros. Igualmente, em segundo lugar, tampouco é muito diferente, quanto à sua consciência e à sua vontade, a posição do sujeito saudoso com relação ao objeto anelado, ora chamado terra ora nomeado pátria. E, mesmo, às vezes esse objeto recebe indistintamente ambas as denominações, terra e pátria. Mas, em terceiro lugar, estas diferenças, no objeto (terra ou pátria) e no sujeito (conterrâneo ou compatriota), sendo significativas, resultam menos relevantes que o facto de se tratarem de objetos, terra e pátria, imperfeitos. E, correlativamente, também de sujeitos imperfeitos: paisanos ou patriotas deficientes. Quer isto dizer que a saudade da terra ou da pátria é experimentada, não apenas por achar-se ausente, no exterior e ao longe, mas, e sobretudo, estando presente na própria terra ou pátria e no seio da convivência. É um duplo exílio interior: no interior da terra/pátria e, nesta, no interior do próprio sujeito, conterrâneo ou compatriota de ninguém ou quase ninguém. Em resumidas contas, esta saudade nasce, não da ausência de algo feito, mas da ausência e mesmo, e sobretudo, da presença de algo imperfeito: uma terra ou uma pátria, que, embora já sendo, são ainda suscetíveis de serem.

Algo semelhante acontece com as saudades do amor e da existência, nas quais o objeto é outro sujeito, um co-sujeito, ou o próprio sujeito (Soto 2019, pp. 132-163). Ambas possuem diversas variantes. Por exemplo, a saudade do amor pode ser amatória, erótica, ou amorosa, sentimental. E também a saudade da existência conhece diversas bifurcações: por exemplo, quanto à temporalidade, pode dirigir-se para o passado ou para o futuro, além de dar-se no presente. Ora bem, todas elas, saudades do amor e saudades da existência, possuem um traço comum, aquele mesmo descoberto nas saudades da terra e da pátria: experimentar-se, não apenas pela presença de uma ausência, mas pela carência de uma potencialidade. A saudade aponta a um possível plausível: algo que poderia e deveria ser feito. Em suma, uma carência, uma insuficiência, que origina uma chamada, a outrem e os outros, uma mensagem que convoca à ação.

Saudade ontológica, ética e política

Por isso, na minha opinião, vale remeter todas essas saudades (da terra ou pátria, do amor, da existência) para uma outra, um fundo e um horizonte comuns: saudade de ser (Soto 2019, pp. 164-166). Eis a saudade que antes anunciamos e chamamos ontológica: exatamente, uma saudade ontológica de natureza ética e política. Porque a precariedade ontológica revelada ao experimentá-la, a insuficiência de ser descoberta e padecida, comporta uma chamada à ação, uma mensagem destinada a ativar o quefazer ético ou ético e político. O ser é traduzido em práxis.

Com isto, respondemos uma pergunta que, na verdade, não temos posto: saudade de ser ou saudade do ser? Saudade de ser. Porque a experiência de ser é da insuficiência, a ruína e a precariedade, só contidas e combatidas pelo agir individual e conjunto, pessoal e coletivo. Não há passagem de ser ao ser, nem dos seres a um ser. Por outras palavras, o ser comum dos seres (a terra/pátria, o amor, a existência) é caracterizado pela sua não essencialidade, por estar entre o ser e o não ser. Não possui, pois, os traços do Ser, que conceptualmente, pelo menos parcialmente, coincidem com os atributos de um ente divino. Como se diz habitualmente, o ser é e esse é, esse ser, possui implícita ou explicitamente, os traços de (um) Deus. Eis a onto-teologia, que concebe o ser ao modo de um ente divino. Mas, não acontece isto, não surge a onto-teologia com a saudade de ser. Esta é, com certeza, uma saudade ontológica, mas entendida e perspectivada em termos éticos e políticos. Vale precisar, dizendo que é uma saudade onto-teleológica, de sentido ético e político. E convém lembrar que, neste caso, a práxis carece de sentido teológico. Nem a ação, nem o seu sustento, nem o seu resultado têm algo de divino.

Saudade onto-teológica?

Nesta mesma linha, prossequindo a reflexão sobre a onto-teologia, convém também lembrar que, em *Queixumes dos pinos*, não aparece uma saudade de Deus. Poderia havê-la, mas não há. Quiçá a razão para a não haver é que, neste livro, Deus figura com a sua denominação em castelhano. E não haver significante (a palavra Deus) dificulta, se não trava, a aparição de significado e referente (Castelao Mexuto 2020, pp. 123-128). E, além disso, mas também por isso, a experiência religiosa é apresentada como uma relação de dominação, individual e coletiva (Soto 2019, pp. 59-66, 104-106). A religião está, aparentemente, na antítese da libertação, do agir desejado e demandado pessoal e social. Digo aparentemente, porque a religião não constitui essa dominação, senão que é uma representação dessa dominação. Por isso, a práxis almejada e requerida deixa à margem o religioso. Que é afastado e ignorado. Enfim, esta poderia ser uma razão, mas, em todo o caso, em *Queixumes dos pinos*, não há saudade de Deus. Que poderia ser outra via para chegar à onto-teologia.

Uma última palavra sobre esta saudade ontológica, essas três saudades que subsumo sob o nome de saudade de ser. Nalguns poemas, poderia parecer que é uma saudade sem objeto. Ou que, nesses versos, aparece uma saudade sem objeto. Em nosso

ver, este equívoco produz-se em três supostos: a saudade indefinida, a saudade de si e a saudade em si. No primeiro caso, o objeto é indefinido ora por ser variado e variante ora porque o sujeito o ignora: experimenta a saudade e não sabe porquê. Ora, que o ignore não significa que não exista e que não acabe por definir-se. Além destas, também podem constituir causas de indefinição os outros dois supostos: a saudade de si e a saudade em si. Assim, é possível pensar, e mesmo frequente, que uma saudade carece de objeto por sê-lo o próprio sujeito. Não há (um) outro, mas é si próprio que desencadeia a experiência da saudade. Além disso, cumpre apontar, de passagem, que em todas as saudades tem uma grande implicação o próprio sujeito. Assim acontece em *Queixumes dos pinos*. E de tal forma que, em alguma medida, as outras saudades, da terra/pátria e do amor, são também saudades existenciais. Por último, pode parecer que não há objeto, quando o foco é posto na saudade em si, i.e., no sentimento, na emoção, na sensação, em suma, na vivência experimentada pelo sujeito. Ora bem, isto não exclui e, antes bem, inclui o objeto e, sobretudo, a relação como causa motriz dessa experiência.

O que venho de defender não implica, pela minha parte, uma exclusão de saudades, e conceções, onto-teológicas, sejam religiosas ou não, no geral e, em particular, a negação da sua possibilidade em Pondal ou a partir da sua obra.

De facto, o nosso autor publicou, em 1895, uma versão longa do seu poema inicial: *A campana d'Anllons*. Vem presidida em exergo pelo cantar popular e conclui com praticamente todas as estrofes da versão canónica, i.e., a incluída em *Queixumes dos pinos* (Pondal 1895, pp. 29-34). Ora bem, antes deste final, constam mais de 300 versos, muitos deles de conteúdo escatológico. A teleologia ético-política, que segue a predominar no poema, adquire, com certeza, uma dimensão escatológica. E, ainda, cabe falar de teologia política, em Pondal, a partir do seu longo poema inacabado, *Os Eoas*, reconstruído postumamente e publicado em 2005 (Soto 2009).

Algumas conclusões

Enfim, já para concluir, o que quis mostrar com esta reflexão breve, e este percurso fugaz, pela poesia de Pondal é:

1. A importância da saudade, como força motriz na nascerça e no desenvolvimento da literatura galega contemporânea.
2. Que a saudade, sem negar influências, é uma temática nitidamente galega.
3. Que Pondal entende a saudade com fórmulas muito semelhantes a outras capitais que aparecerão depois no pensamento português, com Teixeira de Pascoaes e Carolina Michaëlis de Vasconcelos, e no pensamento galego, com Ramón Piñeiro, esta muito amplamente acolhida na filosofia portuguesa contemporânea.
4. Que essa importância e essas semelhanças evidenciam a existência de um fundo comum cultural entre Galiza e Portugal.

Por último, se me permitem dizê-lo com uma piada, penso que esse património, que acabamos de visitar fugazmente e superficialmente com Pondal, pode converter-se

também num matrimónio. Quer dizer, que esse fundo comum não está apenas no passado, mas também no futuro, que não é apenas uma origem, mas também um horizonte, e que, por essas duas razões, como um substrato e uma superestrutura opera também no presente.

Referências

- Carballo Calero, R. (1981). *Historia da literatura galega contemporânea*. Galaxia.
- Carvalho Calero, R. (1992). *Umha voz na Galiza*. Sotelo Blanco.
- Castelao Mexuto, M. (2020). *A Máquina Ousada. Pondal e a Literatura*. Laiovento.
- Pascoaes, Teixeira de (1988). *A Saudade e o Saudosismo*. Assírio & Alvim.
- Piñeiro, R. (1984). *Filosofía da saudade*. Galaxia.
- Pondal, E. (1858). El canto de un brigante. *El País*, Pontevedra, 14/02/1858.
- Pondal, E. (1862). El canto de un brigante/A campana d'Anllons, in *El álbum de la caridad* (pp. 139-140). Imprenta del Hospicio provincial.
- Pondal, E. (1866). *A campana d'Anllons*. Imprenta Eusebio Cascante.
- Pondal, E. (1886). *Queixumes dos pinos*. La Voz de Galicia.
- Pondal, E. (1895). *A campana d'Anllons*. Imprenta y Librería de Carré.
- Pondal, E. (1995). *Poesía galega completa. I. Queixumes dos pinos* (edición de M. Ferreiro). Sotelo Blanco.
- Pondal, E. (2005). *Poesía galega completa. IV. Os Eoas* (edición de M. Ferreiro). Sotelo Blanco.
- Soto, L. G. (2009). 'Os Eoas': poema, e drama, teológico-político de Eduardo Pondal, in *O Pensamento Luso-Galaico-Brasileiro (1850-2000). Actas do I Congresso Internacional. Vol. III* (pp. 43-57). Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Soto, L. G. (2012). *O labirinto da saudade*. Laiovento.
- Soto, L. G. (2015). *Meditação sobre a Saudade*. Zéfiro.
- Soto, L. G. (2019). *Outros e novos queixumes. De Filosofia e Literatura en Queixumes dos Pinos de Eduardo Pondal*. USC Editora.
- Teixeira, A. Braz & Botelho, A. (orgs.) (1986). *Filosofia da Saudade*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Torres Queiruga, A. (2003). *Para unha filosofía da saudade*. Fundación Otero Pedrayo.
- Vasconcelos, C. Michaëlis de (1990). *A Saudade Portuguesa*. Estante.

